



V Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica
V EnICT
ISSN: 2526-6772
IFSP – Câmpus Araraquara
22 e 23 de outubro de 2020



Leitura e produção de microcontos como estratégia de letramento literário

VITOR HUGO DIAS FERRARA¹
EDUARDO CÉSAR CATANOZI²

¹ Graduando em Licenciatura em Física, Bolsista PIBIFSP, IFSP Campus Votuporanga, vitor.ferrara@aluno.ifsp.edu.br.

² Orientador, Doutor em Letras e Professor do IFSP Campus Votuporanga, eduardocatanozi@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): Teoria Literária – 8.02.05.00-3

RESUMO: O acesso a informações, na contemporaneidade, produz uma sensação de celeridade temporal que impacta em diversas relações humanas: no trabalho, na comunicação, nas relações humanas, nas artes... Na literatura, cada vez mais as pessoas buscam por relatos breves, que atendam às necessidades de fruição do texto literário, motivo pelo qual os microcontos ou microrrelatos têm se despontado como um gênero (ou subgênero?) literário extremamente curto que circulam, sobretudo, em mídias digitais. A proposta desta pesquisa é verificar as características desse tipo de texto tão pouco estudado como uma opção de letramento literário, motivo pelo qual o gênero foi apresentado a alunos durante as aulas de literatura regulares de um ensino técnico integrado. Em seguida, houve a produção de microcontos, os quais serão analisados.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; letramento; literário; literatura; microcontos.

INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado parte do pressuposto de que, para que haja letramento literário, faz-se necessário estimular a leitura e a escrita. Dessa forma, nas escolas, o letramento não deve ser feito somente por meio de obras canônicas, mas também pelo fomento à leitura de textos atuais e que seduzam o aluno a ler. De acordo com Cosson (2006, p. 35):

Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade estendido, para além da simples diferença entre os textos, como busca da discrepância entre conhecimento e o desconhecimento, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos.

Sendo assim, para que se forme um leitor, sugere-se a leitura de clássicos e o contato com textos atuais, que estabeleçam vínculo com o cotidiano e o contexto do estudante, fazendo com que ele se identifique com a literatura. Dessa forma, os microcontos, como modelo de textos curtos e atuais, que dialogam com as práticas minimalistas da escrita utilizadas, por exemplo, nas redes sociais, tais como o Twitter, é um potencial gatilho para despertar o interesse do aluno pela leitura. Além do mais, os microcontos podem se relacionar com diversos universos narrativos, afluindo a interpretação do leitor e levando ao desenvolvimento de suas habilidades de leitura, bem como ao estímulo à escrita de seus próprios textos, dada a concisão desse gênero (ou subgênero).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os microcontos, conhecidos também como microrrelatos, microficcões, micronarrativas ou nanocontos, assim como os *haicais* na poesia, são narrativas muito sintéticas, polissêmicas, que não se propõem a encerrar uma ideia, mas a instigar leituras possíveis, sugerindo sensações ao leitor, ao qual cabe a

tarefa de preencher os sentidos. Não ultrapassam, geralmente, 150 caracteres, contando letras, espaços e pontuação, o que lhes permite, por exemplo, a publicação em mensagens enviadas pelo celular ou publicadas no Twitter ou em outras plataformas midiáticas cujas mensagens devem ser minimalistas. Adequa, pois, as formas literárias, perfeitamente, às novas tecnologias de informação e comunicação.

De acordo com Álvares (2012, p. 256), “O microrrelato é uma forma radical e experimental do conto que agudiza e intensifica as características formais e estruturais deste gênero literário breve”.

Um dos maiores estudiosos dos microcontos, David Roas, na obra *Poéticas del microrrelato* (2006), reuniu uma série de artigos dedicados à caracterização desse tipo de texto (recursos formais, estruturais e discursivos), sua relação com o conto (e as demais formas narrativas), sua autonomia de gênero e a sua vinculação com a pós-modernidade. Apesar do ineditismo temático, até hoje a obra de Roas aguarda tradução para o português.

Campos (2011, p.01) destaca a concisão dos microcontos no cenário das práticas apressadas e sua relação intrínseca com os “livros de bolso” que circulam no mercado editorial:

Os microcontos nos levam a refletir sobre a presença da concisão, da brevidade como necessidade de que a literatura revele de forma precisa e, às vezes, indireta as novidades deste tempo cada vez mais veloz e deserto de sentimentos. Eles vêm se desenvolvendo em meio à qualidade estética e às práticas apressadas. Além disso, uma significativa quantidade de coletâneas de formas breves e simples vem provendo as livrarias, como os chamados “livros de bolso”. Assim, em consonância com a ideia de sistema literário proposta por Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira*, parece-nos que o gênero narrativo micro chegou ao seu momento macro de maturidade e estabilização enquanto estética literária, pois para ele há autores seminais, obras (impressas ou não), público leitor e — acrescentamos — atenção das academias. É conjunto de circunstâncias favorável para que os autores se voltem para a exploração das numerosas possibilidades estéticas que o microconto apresenta.

A autora destaca ainda que, “Nos microcontos, a ação se apresenta no clímax e, início-epílogo são coalescentes com o todo da ação narrada” (Campos, 2011, p.02). Para ela, o que distingue o conto de um microconto são as lacunas preenchidas pelo leitor e a ausência das regras clássicas de tempo e espaço.

Pioneiro na composição desse tipo de obra, o guatemalteco Augusto Monterroso produziu o mais famoso microconto, composto por apenas trinta e sete letras:

Quando acordou o dinossauro ainda estava lá.

Percebe-se, nessa obra de Monterroso, a ausência de identificação de uma personagem delimitada (explicitada apenas no verbo em terceira pessoa “acordou”) e a indefinição de tempo e de espaço. Essa ausência de marcadores de tempo e de espaço amplia o sentido metafórico do texto: que dinossauro seria esse? Onde seria esse local expresso pelo advérbio “lá”? O que significaria o despertar do indivíduo retratado na história?

Essa obra de Monterroso atingiu o patamar de uma espécie de “cânone dos microcontos” justamente por representar o que Bloom assevera ao tentar apresentar o que torna canônicos o autor e as obras: “A resposta, na maioria das vezes, provou ser a estranheza, um tipo de originalidade que ou não pode ser assimilada ou nos assimila de tal modo que deixamos de vê-la como estranha” (BLOOM, 2010, p.13). Ainda consoante Bloom, uma obra, para que se torne cânone, deve possuir três elementos: acuidade cognitiva, energia linguística e poder de invenção, aspectos perceptíveis na obra de Monterroso.

Nota-se, portanto, que o microconto, ainda que curtíssimo, obedece aos preceitos da “obra aberta” definida por Umberto Eco:

(...) Umberto Eco (1972) defende que os processos de leitura e interpretação não podem pressupor uma análise pré-definida e estruturada do texto. Pelo contrário, implicam uma acentuada liberdade por parte do leitor, que é também receptor, tornando-se tarefa sua extrair dele uma análise pessoal. De acordo com tal noção, a origem do termo *obra aberta* advém da necessidade, cada vez mais patente, de se compreender e valorizar a capacidade criativa e interpretativa que conduz, sempre

que necessário, a uma reestruturação do pensamento. (ALVES, 2004, Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/obra-aberta/>. Acesso em: 06 out. 2019)

Essa abertura polissêmica característica dos microcontos e sua rápida leitura e impacto produzido no leitor situa esse tipo de composição narrativa como cópula fértil para o letramento literário. Ao debater o papel da literatura nas salas de aula da educação básica, Cereja aponta que não cabem mais apenas as aulas de historiografia da literatura, porquanto os estudos literários na escola “devem estar comprometidos com a educação para a cidadania, com a formação de leitores competentes de textos literários e com a construção de relações entre esses textos e outros” (CEREJA, 2005, p. 142).

Com pequenas variações, a abordagem da literatura nas escolas pesquisadas tem sido a consagrada pela tradição: apresenta-se a cronologia histórica das estéticas literárias, a contextualização histórica (de acordo com o estabelecido pelo cânone), as características relevantes de cada período e de cada autor. A leitura efetiva de textos literários ocorre ocasionalmente e assume um caráter ilustrativo” (CEREJA, 2005, p.52)

Se, conforme aponta Cereja, as escolas têm-se dedicado, na maior parte das vezes, ao estudo da contextualização histórica das obras literárias e pouco à leitura efetiva da literatura, imagina-se que a produção literária quase nunca ganha espaço nas aulas, o que, a nosso ver, poderia ser uma das competências e habilidades a serem desenvolvidas nos alunos de todas as etapas escolares. Dessa forma, o letramento literário poderia ser desenvolvido adequadamente nas escolas, que formaria alunos que não apenas conhecem literatura, mas que estejam aptos a ler e a produzir textos literários, ainda que pequenos como os microcontos.

De acordo com Silva (2019), nas aulas de literatura, o leitor não é estimulado a ler além das linhas, observando o subtexto e o que se entremostra em suas malhas. Não é provocado a inferir sentidos e a preencher as entrelinhas, ou seja, não executa uma leitura, de fato, crítica.

Destarte, este trabalho propõe não apenas apresentar a escrita de microcontos aos alunos e professores, mas a mudar o foco do ensino de literatura, na qual o estudante deixa de ser passivo no contato com textos plurissignificativos (literários) e passa ele mesmo a produzi-los, motivados à escrita de microcontos.

METODOLOGIA

Primeiramente, houve pesquisas teóricas sobre os microcontos em artigos e plataformas especializadas nesse gênero. Em seguida, realizou-se a produção de aulas (em slides e vídeos) sobre os microcontos.

Em decorrência do distanciamento social imposto pela pandemia do Coronavírus, as aulas em vídeo foram disponibilizadas no YouTube (de maneira não listada) e o link foi compartilhado no Moodle, plataforma de ambiente virtual utilizada na escola. O aluno bolsista do projeto elaborou slides explicativos sobre os microcontos, os quais foram apresentados e explicados pelo professor orientador, em uma aula síncrona, a alunos de um 1º ano de um curso técnico integrado do Instituto Federal – Câmpus Votuporanga. Além disso, os alunos foram apresentados a diversos sites que expõem microcontos. Vários deles foram lidos e analisados pelo professor e pelos alunos.

Por fim, os alunos foram estimulados a produzir os seus próprios textos para participar de um concurso virtual de microcontos da escola. Cada um poderia apresentar, no máximo, 3 microcontos com temática livre. Os textos produzidos por essa turma, posteriormente, foram analisados em outras aulas síncronas e divulgados nos veículos de comunicação oficiais do câmpus.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos mostraram-se bastante motivados a produzirem os seus microcontos: na sala de aula onde se desenvolveu o projeto, 95% dos alunos entregaram seus textos. Alguns alunos produziram, espontaneamente, bem mais do que dois microcontos, o que também foi considerado um resultado positivo. No total, foram produzidos 117 microcontos por 60 alunos do ensino médio integrado.

Como temas recorrentes nos microcontos produzidos pelos alunos observaram-se: pandemia e coronavírus, amor, solidão e bullying. Além disso, alguns textos se destacaram pela qualidade e exploração de recursos intertextuais e transficcionais, características excepcionais de um bom microconto, ademais, também se notou um bom teor crítico social em alguns textos que tratavam de temas como, por exemplo, racismo e poluição ambiental, convidando o leitor a refletir por meio das obras.

Na próxima fase do projeto, alguns textos serão analisados com os alunos, observando-se aspectos literários (polissêmicos e estilísticos), relações intertextuais das produções com outros textos e características formais do microconto.

CONCLUSÕES

Como gênero ou subgênero literário, o microconto conecta-se a qualquer universo ficcional em razão de sua transficcionalidade, atendendo às preferências de leitores variados; além do mais, sua brevidade torna-o acessível a todos, pois sua leitura não carece de muito tempo. Também devido à brevidade e simplicidade de seu texto, microcontos podem ser criados até mesmo por crianças do primeiro ciclo do ensino fundamental, estimulando processos criativos e desenvolvimento da escrita, momento propício para provocar nelas o gosto pelo fazer literário.

Por meio do trabalho, houve a promoção das capacidades de deciframento do código escrito, interpretação textual crítica e estímulo à escrita. Assim, o microconto revelou-se um subgênero narrativo bastante acessível aos alunos e um material bastante rico para ser trabalhado em sala de aula.

A brevidade dos microcontos instiga o leitor a lê-los, podendo finalizar várias leituras em pouco tempo, desenvolvendo um vínculo com o leitor e promovendo o letramento literário.

REFERÊNCIAS

ALVES, Susana. Obra aberta. In: CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/obra-aberta/> Acesso em: 06 out. 2019.

ÁLVARES, Cristina. Quatro dimensões do microconto como mutação do conto: brevidade, narratividade, intertextualidade, transficcionalidade. **Guavira Letras**, n. 15, ago.-dez. 2012.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

CAMPOS, Luciene Lemos de. Entre frinchas, a poética do microconto brasileiro. **XII Congresso Internacional da ABRALIC**. 18 - 22 jul. 2011, UFPR – Curitiba, Brasil.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com a literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2020.

GOULART, Rosa Maria. Teorias da narrativa e análise do texto. **Máthesis**, Universidade Católica Portuguesa, 1993, p. 155-171.

ROAS, David. (Org.). **Poéticas del microrrelato**. Madrid: Arco/Libros, 2006.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. **Anais do Evento PG Letras 30 Anos** Vol. I (1): 514-527. Disponível em: http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/5.%20Melhores%20teses%20e%20disserta%C3%A7%C3%B5es/5.2_Ivanda.pdf. Acesso em 06 out. 2019.